

RESISTIR PARA EXISTIR: AS MULHERES NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Irenilda Maria da Silva; Danilo Borges Silva e Araújo; Dalila Carla Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB; nac.dch3@uneb.br

Resumo

Este artigo objetiva relatar a história das mulheres na construção e desenvolvimento do Centro de Terapias Alternativas Gianne Bande – CETGIB, localizado na cidade de Juazeiro – BA, a luta de superação para empreender o projeto, além de contribuir para a educação da população para desenvolver hábitos saudáveis de alimentação, o uso de terapias alternativas para o cuidado com a saúde, como também o melhoramento da renda familiar e o desenvolvimento do empoderamento dessas mulheres.

Palavras-chave: mulheres, empoderamento, CETGIB, Juazeiro - BA, semiárido.

Introdução

O Centro de Terapias Naturais Gianni Bande (CETGIB), foi criado em 1999 por mulheres do João Paulo II, bairro periférico da cidade de Juazeiro (BA), auxiliadas pelas Irmãs Luisinhas. Trazendo terapias alternativas como o uso de argila terapia e bioterapia, cromoterapia, massoterapia entre outros.

As mulheres não ficaram somente na criação do centro, criaram também uma creche e uma associação com uma horta comunitária. Essas mulheres realizaram um papel de proatividade exercendo funções que eram destinados ao poder público, a garantia da assistência através das políticas públicas.

O trabalho iniciou em uma perspectiva cristã, as irmãs esperavam que com a criação dos espaços fosse possível aplicar as práticas religiosas que acreditavam, além das assistências. As atividades inicialmente previam visitas às famílias, a partir destas sentiram a necessidade da solidificação de um ambiente, formando assim o centro.

O objetivo do centro foi e é desenvolver um trabalho de orientação e prevenção de doenças. Para tanto, essas mulheres também produzem remédios caseiros, além de cultivarem plantas medicinais que são vendidas e utilizadas para essas produções. Com essa proposta, esse grupo de mulheres buscavam/buscam por uma melhor saúde para si e para população e continuam a desenvolver nesse espaço os saberes tradicionais do semiárido¹.

Nesse sentido, essas mulheres, inseridas no semiárido brasileiro, em Juazeiro (BA) enfrentavam/enfrentam os problemas e procuravam/procuram soluções que contribuíram/contribuem não somente com o seu empoderamento, mas com a melhoria nas condições das comunidades que pertencem².

Na relação de gênero uma das principais causas dos problemas enfrentados pelas mulheres no Semi-árido é o machismo, embasado numa sociedade extremamente patriarcalista. Na maioria das vezes, as mulheres são impossibilitadas de participar de forma autônoma e decisiva na vida comunitária, nas discussões políticas e na construção de políticas públicas, que lhes permitam conquista e garantia de direitos (IRPAA, 2007).

Para mensurar a dimensão do trabalho dessas mulheres é importante salientar que elas se auto-organizavam/organizam. Desde a sua formação, com a criação dos espaços coletivos na busca da ajuda do outro, até a criação dos centros, onde através das atividades desenvolvidas (a horta comunitária, creches) buscavam/buscam não somente a melhoria da renda de suas famílias e da sua comunidade, mas também a sua formação.

O início

Com o lema “juntos somos mais fortes”, que sustentou as irmãs Luisinhas para seguirem ajudando as famílias do bairro João Paulo II. As irmãs tinham um projeto, uma ideia primordial. A princípio era tirar os moradores da extrema pobreza. Em seguida, reuniam a

¹ Informações do projeto de conclusão de curso de Cleonice Rodrigues Alcântara Silva- 2012

² Como por exemplo, a iniciativa das Irmãs Oblatas de São Luíz Gonzaga (Luisinhas) na criação do (CETGIB), uma associação, sem fins lucrativos, de natureza filantrópica. Atualmente, o centro atende a toda e qualquer pessoa que necessita desse serviço através do método Bioenergético e das Terapias Holísticas (Texto da página do Facebook disponível em: https://www.facebook.com/ctnbrandi/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info)

comunidade, através dos círculos bíblicos, para analisar as demandas mais urgentes, tendo um atendimento diferenciado aos mais necessitados. Essa etapa do processo foi demorada, porém as mulheres encabeçaram a linha de frente e ajudaram a colocar em prática o projeto das irmãs.

A irmã Redenta, nascida na Itália e fundadora do CETGIB, usou recursos da própria família para construção do centro em um terreno doado pela Diocese de Juazeiro, através do bispo Dom José Rodrigues. Com um espírito comunitário, as mulheres se posicionaram e juntamente com a Pastoral da Saúde (entidade da igreja católica) para fazerem curso de formação com as terapias alternativas. Essas terapias foram introduzidas na vivência dessas mulheres, através das irmãs que já trabalhavam com esse conhecimento em São Paulo-SP e com os tratamentos na antiga comunidade. Dessa forma, a horta de plantas medicinais foi a maneira das irmãs iniciarem os tratamentos e a disseminação do conhecimento desses saberes e assim, logo os resultados positivos das primeiras pessoas ao utilizarem os tratamentos naturais foram sendo conhecidos e divulgados.

Francisca Teresa de Jesus, conhecida como irmã Teresa atual diretora-presidenta do CETGIB, após o falecimento de irmã Redenta, relembra os momentos do início:

O homem sempre apoiava, porém as mulheres se mostraram mais sensíveis, abertas a realidade que viviam. Começaram com um círculo bíblico, assim as reuniões foram se fortalecendo e cuidando um dos outros. E a experiência de um era incentivo para os demais. A divisão existe nas funções, mas a diretoria faz as avaliações para o melhor para o coletivo. Assim é repassado e discutido com o grupo. Os homens da horta têm seu coordenador Raphael e trazem as demandas de lá, aí escutamos, tudo é avaliado e se decide para chegar o resultado satisfatório para a associação (Irmã Teresa, 20 de setembro de 2016).

Desde que iniciaram o centro as irmãs tiveram a preocupação que todas as funcionárias tivessem formação qualificada. Dessa forma, para as terapeutas, assim foram sendo oferecidas novas terapias para os que as procuravam.

Entrei nesse projeto primeiro com Isabel, eu ficava com as irmãs na escola, aí no final do ano a gente cuidava de uma horta com os alunos, as irmãs viajavam e passavam dias fora. Assim pediram pra eu cuidar das plantas, visto que eu já tinha experiência, o feijão e o milho tava muito bonito quando elas voltaram. Surgiu uma vaga pra cuidar, aí pediram pra irmã Irene pra me colocar, ela disse “mas ela é muito novinha”, vamos fazer uma experiência, aí nessa experiência tô até hoje 21 anos. Fiz nível superior e graças a essas iniciativas das irmãs, fui cada dia melhorando, pois tenho formação, uma profissão e tudo isso melhorou a minha vida (Cleonice, entrevista concedida em maio 2015).

Conforme as próprias terapeutas que atendem diariamente, várias pessoas não somente da região do São Francisco, mas também de Salvador, Feira de Santana, São Paulo e outras

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

idades. A irmã Teresa reconhece que esses atendimentos se propagam, pois a “finalidade é sempre a saúde das pessoas”. Jovita Pereira da Silva que fez tratamento para um problema na coluna.

Teve um dia que a coluna vinha dura pra colocar as pernas na cama era preciso elas colocarem, mais quando botava o barro (tratamento com argila), quando saia já tava aliviada. Eu tive alta com sete meses e 20 dias e graças a Deus não tomo remédio químico de jeito nenhum. As pessoas chegam aqui em busca da cura e já sai sabendo algumas plantas e seu uso, eu já sou uma multiplicadora, pois já indico pra que cada planta serve (Jovita, entrevista concedida em maio 2015).

Todo trabalho do CETGIB, até o presente, é baseado em trazer novas alternativas as terapias alternativas/complementares que são técnicas que visam à assistência à saúde do indivíduo, seja na prevenção, tratamento ou cura, considerando-o como mente/corpo/espírito e não um conjunto de partes isoladas. Algumas das terapias alternativas que são oferecidas no centro são: Consulta através de Bioenergia e tratamento através de Fitoterapia; Reeducação alimentar; Moxoterapia; Massagem relaxante; Toque terapêutico; Argiloterapia; Florais de Bach; Reflexologia podal; Cromoterapia; Acupuntura; Reiki, dentre outros³ utilizados no tratamento de doenças que os pacientes não sentem satisfeitos com o tratamento da medicina tradicional. Assim buscam um tratamento sem o uso de medicamentos farmacêuticos.

Atualmente o centro, reúne sete funcionários e deste quatro são mulheres. Essas desenvolvem atividades, voltadas ao tratamento com a utilização das terapias complementares. Vale ressaltar que atualmente o cargo de presidência da associação continua sendo é exercido por uma mulher.

Gênero no Semiárido

A definição de gênero foi reestruturada conforme a época. Vários estudos utilizaram as diferentes definições em consonância com o contexto histórico-cultural, o qual contribuiu para mudanças estruturais da sociedade. Embora muito já se tenha avançado nos conceitos desta temática, ainda se faz necessário refletir sobre o tema na busca pela igualdade de gênero. Joan Wallach Scott (1990) utiliza em seus trabalhos o olhar para a história das mulheres a partir da perspectiva de gênero.

³ Exto retirado da página no Facebook disponível:
(82) 3322-2222
<https://www.facebook.com/ctnbrandi/about/>
contato@conidis.com.br

No fim dos anos de 1960 e início da década de 70, os movimentos feministas retomam a expressão de gênero para usá-la como sinônimo de feminino, referindo na luta contra a opressão as mulheres (praticada pelos homens) e na busca de assegurar o direito de contar sobre suas próprias histórias. (MUSZKAT, 2006).

Scott (1990) descreve que esses conceitos sofrem e passam a designar as relações entre os sexos. Além disso, afirma que o gênero "[...] torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres." (SCOTT, 1990, p.7). Interessa-nos aqui discutir gênero como maneira de se referir à organização social na relação entre os sexos⁴, proposta ancorada em seus estudos.

Nessa perspectiva, o estudo das mulheres está amparado à categoria de gênero (como em um guarda-chuva). Assim, é necessário analisarmos suas particularidades e suas intersecções, pois as mulheres sofrem diferentes cargas de opressões.

Os esforços feministas visam demonstrar, a partir de estudos antropológicos de diferentes culturas, a grande variação do papel das mulheres nos diferentes grupos culturais. Assim, colocou-se em questão a ideologia predominante quanto à naturalidade da subordinação feminina, que baseada na reprodução biológica, associava gênero com a sexualidade e definia padrões de comportamentos (MUSZKAT, 2006, p.56).

As mulheres que convivem no semiárido estão inseridas em um ambiente que trás inúmeros desafios, além de já terem que vencer as barreiras condicionantes ao próprio gênero. As regiões semiáridas se caracterizam, de modo geral, pela aridez do clima, pela deficiência hídrica com a imprevisibilidade das precipitações pluviométricas e pela presença de solos com limitações para uso agropecuário, com riscos de degradação ambiental (desertificação). As áreas áridas e semiáridas estão presentes em diversos locais do planeta e se diferenciam entre si pelas suas especificidades ambientais, extensão, densidade demográfica, formas de ocupação humana e exploração dos recursos naturais (CÁRITAS BRASILEIRAS, 2002).

⁴ Os estudos recentes sobre gênero analisam o conceito cultural. Não analisa com base no conceito biológico. É comum a sociedade a atribuir o gênero conforme o aparato biológico sexual.

Conforme Macedo (2004) em sua dissertação de mestrado “A Convivência com o Semi-Árido: Desenvolvimento Regional e Configuração do local” no Projeto do IRPAA

Toma-se como características que dão unidade analítica ao que se denomina semiárido brasileiro aquilo que é relativo à condição climatológica que se verifica em uma parte grande da área que compreende a região Nordeste e em uma parcela do norte do estado de Minas Gerais, na região Sudoeste (MACEDO, 2004).

A região do semiárido por diferentes meios/linguagens foi atribuída características voltadas a miserabilidade. A população nordestina, também esteve⁵ ligada a essas características (BASTOS; RIOS, 2015). “Podemos encontrar nas mais diferentes manifestações artísticas e literárias a figura da mulher rodeada de crianças, geralmente com expressão que nos remetem à imagem da fome e da seca, enquanto seus companheiros engrossavam a fileira dos retirantes” (BASTOS; RIOS, 2015, p.3). Além disso, a região do semiárido assim como no quadro nacional, é composta majoritariamente por mulheres.

Malvezzi (2007) em sua obra “semi-árido uma visão holística”, descreve que o trabalho para estas mulheres começam desde cedo, um serviço braçal, atribuindo uma possível relação - a extensão do trabalho doméstico, já realizado durante o convívio familiar. Essa realidade foi vivenciada no início das atividades pelas mulheres do CETGIB, visto que estavam "destinadas" apenas aos serviços domésticos. Porém com a iniciativa das irmãs proporcionaram algumas mudanças nesse cenário.

Eu trabalhava somente em casa, mas depois da criação do centro e do meu próprio engajamento nas atividades praticadas em conjunto com as irmãs, assim senti a necessidade da minha própria formação. Fiz curso de massoterapia, além da minha graduação em pedagogia. Posso dizer que esse reconhecimento foi possível pela convivência com todas as outras, buscando melhoramento de cada uma (Cleonice entrevista concedida em maio 2015).

Além do trabalho doméstico, há uma parcela das mulheres no semiárido que exercem uma dupla jornada de trabalho, o doméstico e o agropecuário setores que geram uma alta economia na região. (MELO, 2005).

O cultivo, o modo social do plantio até a colheita se diferencia das outras regiões, não apenas em adaptação do clima (MELO, 2005). "Apesar de desempenharem a mesma carga horária de

⁵ Ainda se pode encontrar em alguns meios a reprodução dessa visão estereotipada do nordeste. Conforme os estudos de Barbosa (2016) analisando a série de reportagem O Quinze: Travessia, exibida na rede globo. Os estereótipos ainda se perpetuam.

trabalho que os homens nas lavouras, as camponesas eram vistas apenas como “ajudantes” do marido, pois tinham que se responsabilizarem pelos afazeres domésticos" (SANTOS, 2011)

O uso da terra, da água, por exemplo, também se perpetua as diferentes práticas em relação ao gênero. A mulher agricultora do semiárido é responsável pelo uso da água nas famílias, o ato de beber, higiene pessoal, o preparo dos alimentos, etc. (MELO, 2005).

Eu trabalhei primeiro na agricultura, participei no início da horta comunitária, foram muitas lutas para conseguir mais água para irrigação. Assim também se dava em casa, pois o bairro era novo e a gente não tinha tanta estrutura, tudo tinha que ser bem organizado. Mas com a criação da associação tudo ficou melhor, temos uma maior renda, reconhecimento no bairro, pois isso é muito bom (Isabel, entrevista concedida em maio 2015)

Pensar nessas mulheres dentro do convívio com o seu território quando não tem acesso às políticas voltadas a convivência, é pensar que o trabalho exercido ainda é maior. "Estas políticas inseridas nas políticas públicas, que compreendem o conjunto das diversas decisões tomadas para a sociedade, na maioria das vezes não consideram a existência das desigualdades sociais entre o masculino e o feminino, penalizando as mulheres." (MELO, 2005, p.2,).

Desse modo, pensar em políticas para mulheres é pensar em uma política que se baseia na ruptura dos processos de desigualdade. Refletir sobre as mulheres no semiárido é também pensar na atribuição dos papéis sociais para estas mulheres no território que ocupam (MALVEZZI, 2009, p. 14) "[...] As políticas de desenvolvimento criadas para a região semi-árida brasileira, como as demais políticas de desenvolvimento do País, em grande parte, não **contemplam a questão de gênero** e quando incluem, muitas vezes, o fazem de forma deficiente ou parcial." (MELO, 2005, p.2, grifo nosso).

Metodologia

A história oral é procedimento organizado e rígido de investigação, capaz de garantir a obtenção de resultados válidos para propostas desenhadas desde a formulação para um projeto (MEIHY, 2007). Aceves Lozano (2007) salienta: “A história oral é vista como método particular, mas não exclusivamente isso, pois também é considerada um meio de estabelecer relações de maior qualidade e profundidade com as pessoas entrevistadas” (LOZANO, 2007,

Quando utilizamos a história oral automaticamente é utilizada também a entrevista, visto que é a forma de captar informações, percepções e as experiências das mulheres que fazem parte do CETGIB. O método foi à entrevista em profundidade, essa abordagem permite a flexibilidade ao informante definir os termos de respostas e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas (DUARTE, 2007).

Conclusões

Contribuir para o enfrentamento das desigualdades de gênero é um dos objetivos que essas mulheres desejam. Nesse sentido, as utilizações dessas práticas contribuem para que ocasione mudanças em suas vidas. É perceptível nas suas falas que a conquista da autonomia é fundamental para o processo de empoderamento dessas mulheres. Visto que através desses processos elas passam a serem sujeitas-protagonistas das suas histórias. Como exemplo dos saberes tradicionais, as cacicas, benzedeiras, curandeiras, rezadeiras, etc., fazem da utilização dos seus saberes para efetivação da sua autonomia dentro da sociedade, mesmo que não sejam os seus objetivos.

Nas histórias de vida de cada uma dessas mulheres se percebe que a cada momento buscam fortalecimento dessas conquistas, pois dia a dia é necessário que provarem que o gênero não a fazem melhores nem piores, porém capazes de serem construtoras das mudanças não apenas no bairro, mas também em suas famílias, na educação, na sociedade. Outras conquistas são necessárias para que o empoderamento das mulheres do semiárido seja ainda mais expressivo e que ganhem maiores espaços.

Referências

BASTOS, A. RIOS, P. **Mulheres e relações de gênero no semiárido brasileiro:** uma história invisibilizada. Disponível em:

<http://www.sbece.com.br/resources/anais/3/1428545115_ARQUIVO_6SeminarioBrasileirodeEstudosCulturaiseEducacaoCompleto.pdf>. Acessado em: 20.set.2016

CÁRITAS BRASILEIRAS. Caderno 3. Semi -árido Brasileiro, 200

DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** editora Atlas. São Paulo. 2007

MACEDO, O. **A Convivência Com O Semi-Árido:** Desenvolvimento Regional e Configuração do Local no Projeto do IRPAA- Recife - PE. 2004

MALVEZZI, R. **Semi-árido - uma visão holística.** - Brasília: Confea, 2007.

MELO, L. **Relações de Gênero na Convivência com o Semi-árido Brasileiro:** a Água para o Consumo Doméstico. In: II Congresso Iberoamericano sobre Desarrollo y Medio Ambiente, 2005, Puebla - México, 2005. Disponível

em:<http://www.fundaj.gov.br/images/stories/nesa/genero_convivencia.pdf>. Acessado em: 20.set.2016

MUSZKAT, S. **Violência e masculinidade:** uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, C. Horta Comunitária povo unido do Bairro João Paulo II: Experiências Socioeducativas – TCC -Graduação em Pedagogia – 2012



SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Disponível em: <
<http://www.observem.com/upload/935db796164ce35091c80e10df659a66.pdf>>. Acessado em:
20.set.2016

TROVO, M; SILVA, M.; LEÃO, E. **Terapias Alternativas/Complementares no Ensino Público e Privado:** Análise do Conhecimento dos Acadêmicos de Enfermagem- Rev Latino-am Enfermagem 2003 julho-agosto;